



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Este arquivo foi digitalizado por J. Martins e Mary Baumann em outubro de 2006, e se destina para uso exclusivo de deficientes visuais.

Título: PERGUNTE AO PÓ

Autor: John Fante

Título original em inglês ASK THE DUST
1939,1980 by John Fante
Prefácio © 1980, by Charles Bukowski

Publicado mediante acordo com a Ecco e impresso pela HarperCollins Publishers, Inc.

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 primeiro andar - São Cristóvão
20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - República Federativa do Brasil - Tel.: (21)
2585-2060 Fax: (21) 2585-2086

Printed in Brazil - Impresso no Brasil

Atendemos pelo Reembolso Postal

ISBN 85-03-00753-3

Capa: INTERFACE DESION/SÉRGIO LIUZZI Foto de capa: SÉRGIO LIUZZI

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros,
RJ.

Fante, John, 1909-1983

F217p Pergunte ao pó / John Fante; tradução de Roberto Muggiati. -
terceira edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

Tradução de: Ask the dust ISBN 85-03-00753-3

1. Ficção americana. I. Muggiati, Roberto, 1937-. II. Título.
03-0657

CDD-813 CDU-821.111(71)-3

PREFÁCIO

Eu era um jovem, passando fome, bebendo e tentando ser escritor. Fazia a maior parte das minhas leituras na Biblioteca Pública de Los Angeles, no centro da cidade, e nada do que eu lia tinha a ver comigo ou com as ruas ou com as pessoas que me cercavam. Parecia que todo mundo estava fazendo jogos de palavras, que aqueles que não diziam quase nada eram considerados excelentes escritores. O que escreviam era uma mistura de sutileza, técnica e forma, e era lido, ensinado, ingerido e passado adiante. Era uma tramóia confortável, uma Cultura-de-Palavra muito elegante e cuidadosa. Era preciso voltar aos escritores russos pré-Revolução para se encontrar alguma aventura, alguma paixão. Havia exceções, mas estas exceções eram tão poucas que a leitura delas era feita rapidamente, e você ficava a olhar para fileiras e fileiras de livros extremamente chatos com séculos para se recorrer, com todas as suas vantagens, os modernos não chegavam a ser muito bons.

Eu tirava livro após livro das estantes. Por que ninguém dizia algo? Por que ninguém gritava?

Tentei outras salas na biblioteca. A seção de religião era apenas um vasto pantanal... para mim. Entrei na de filosofia.

Encontrei alguns alemães amargos que me animaram por algum tempo, depois passou. Tentei matemática, mas a alta matemática era exatamente como a religião: me escapava. O que eu precisava parecia estar ausente por toda a parte.

Tentei geologia e a achei curiosa mas, no fim, não sustentável.

Encontrei alguns livros sobre cirurgia e gostei deles: as palavras eram novas e as ilustrações maravilhosas. Apreciei e memorizei particularmente a operação do cólon.

Então larguei a cirurgia e voltei à grande sala dos escritores de romances e de contos (quando havia suficiente vinho barato para beber eu nunca ia à biblioteca).

Uma biblioteca era um bom lugar para se estar quando você não tinha nada para comer ou beber e a senhoria estava à procura de você e do aluguel atrasado. Na biblioteca, pelo menos, você podia usar os toaletes. Eu via um bom número de outros vagabundos ali, a maioria dormindo sobre os livros.

Eu continuava dando voltas na grande sala, tirando livros das estantes, lendo algumas linhas, algumas páginas, e depois os colocando de volta.

Então, um dia, puxei um livro e o abri, e lá estava. Fiquei parado de pé por um momento, lendo. Como um homem que encontrara ouro no lixão da cidade, levei o livro para uma mesa. As linhas rolavam facilmente através da página, havia um fluxo. Cada linha tinha sua própria energia e era seguida por outra como ela. A própria substância de cada linha dava uma forma à página, uma sensação de algo entalhado ali. E aqui, finalmente, estava um homem que não tinha medo da emoção. O humor e a dor entrelaçados a uma soberba simplicidade. O começo daquele livro foi um milagre arrebatador e enorme para mim.

Eu tinha um cartão da biblioteca. Tomei o livro emprestado, levei-o ao meu quarto, subi à minha cama e o li, e sabia, muito antes de terminar, que aqui estava um homem que havia desenvolvido uma maneira peculiar de escrever. O livro era Pergunte ao pó e o autor era John Fante. Ele se tornaria uma influência no meu modo de escrever para a vida toda.

Terminei Pergunte ao pó e procurei outros livros de Fante na biblioteca. Encontrei dois: Dago Red e Espere a primavera, Bandini. Eram da mesma ordem, escritos das entranhas e do coração.

Sim, Fante causou um importante efeito sobre mim. Não muito depois de ler esses livros, comecei a viver com uma mulher.

Era uma bêbada pior do que eu e tínhamos discussões violentas, e freqüentemente eu berrava para ela: "Não me chame de filho da puta! Eu sou Bandini, Arturo Bandini!"

Fante foi meu deus e eu sabia que os deuses deviam ser deixados em paz, a gente não batia nas suas portas. No entanto, eu gostava de adivinhar onde ele teria morado em Angel's Flight e achava possível que

ainda morasse lá. Quase todo dia eu passava por lá e pensava: é esta a janela pela qual Camilla se arrastou? E é aquela a porta do hotel? É aquele o saguão? Nunca fiquei sabendo.

Trinta e nove anos depois, reli Pergunte ao pó. Vale dizer, eu o reli neste ano e ele ainda está de pé, como as outras obras de Fante, mas esta é a minha favorita, porque foi minha primeira descoberta da mágica. Existem outros livros além de Dago Red e Espere a primavera, Bandini. São Full of Life e The Brotherhood of the Grape.

E, neste momento, Fante tem um romance em andamento, Sonhos de Bunker Hill.

Por meio de outras circunstâncias, finalmente conheci o autor este ano. Existe muito mais na história de John Fante. É uma história de uma terrível sorte e de um terrível destino e de uma rara coragem natural. Algum dia será contada, mas acho que ele não quer que eu a conte aqui. Mas deixem-me dizer que o jeito de suas palavras e o jeito do seu jeito são o mesmo: forte, bom e caloroso.

E basta. Agora este livro é seu.

Charles Bukowski

5-6-1979

Para Joyce, com amor

CAPÍTULO UM

Uma noite, eu estava sentado na cama do meu quarto de hotel, em Bunker Hill, bem no meio de Los Angeles. Era uma noite importante na minha vida, porque eu precisava tomar uma decisão quanto ao hotel. Ou eu pagava ou eu saía: era o que dizia o bilhete, o bilhete que a senhoria havia colocado debaixo da minha porta. Um grande problema, que merecia atenção aguda. Eu o resolvi apagando a luz e indo para a cama.

De manhã, acordei e decidi que devia fazer mais exercício físico, e comecei imediatamente. Fiz vários exercícios de flexão.

Escovei os dentes, senti gosto de sangue, vi pontos rosados na escova de dentes, lembrei-me da propaganda e decidi sair para tomar café.

Fui ao restaurante aonde sempre costumava ir, sentei-me na banqueta diante do longo balcão e pedi café. Tinha um gosto muito parecido ao de café, mas não valia o níquel. Sentado ali, fumei uns dois cigarros, li as súmulas dos resultados dos jogos da Liga Americana. Escrupulosamente evitei as súmulas dos resultados dos jogos da Liga Nacional, e notei com satisfação que Joe DiMaggio ainda era um motivo de glória para a gente italiana, porque liderava a liga como batedor.

Um grande taco, aquele Joe DiMaggio. Saí do restaurante, parei diante de um arremessador imaginário e completei o circuito das bases saltando por cima da cerca.

Desci a rua então na direção de Angels Flight, pensando no que fazer daquele dia. Mas nada havia a fazer, por isso decidi caminhar pela cidade.

Desci a Olive Street passando por um prédio de apartamentos velho e encardido que ainda estava úmido como um mata-borrão do nevoeiro da noite passada, e pensei em meus amigos Ethie e Carl, que eram de Detroit e haviam vivido lá, e lembrei-me da noite em que Carl bateu em Ethie porque ela ia ter um bebê e ele não queria. Mas tiveram o bebê e a coisa ficou por isso mesmo. E lembrei-me do interior daquele apartamento, como

cheirava a camundongos e pó, e das velhas que ficavam sentadas no saguão, nas tardes quentes, e da velha com as pernas bonitas. Havia ainda o ascensorista, um homem alquebrado de Milwaukee, que parecia escarnecer toda vez que você pedia o seu andar, como se fosse um tremendo idiota por escolher aquele determinado andar, o ascensorista que sempre tinha uma bandeja de sanduíches no elevador e uma revista de histórias policiais.

Desci a ladeira então na Olive Street, passando pelas horríveis casas com vigamento de madeira recendendo a histórias de assassinatos, e depois da Olive Street até o Philharmonic Auditorium, e lembrei-me de ter ido lá com Helen para ouvir o Coral dos Cossacos do Don, e de como fiquei aborrecido e tivemos uma briga por causa disto, e lembrei do que Helen vestia naquele dia... um vestido branco, que me falava ao pau quando eu tocava nele. Oh, aquela Helen... mas não aqui.

E assim cheguei à esquina da Quinta com Olive, onde os grandes bondes mastigavam os ouvidos da gente com o seu barulho e o cheiro de gasolina fazia a visão das palmeiras parecer triste e o pavimento negro ainda molhado do nevoeiro da noite anterior.

E agora eu estava em frente ao Biltmore Hotel, caminhando ao longo da fileira de táxis amarelos, com todos os taxistas dormindo, exceto o que estava perto da porta principal, e pensei nestes sujeitos e no conhecimento que têm dos lugares, e lembrei-me da vez em que Ross e eu conseguimos um endereço com um deles, como ele deu um olhar de soslaio devasso e nos levou a Temple Street, de todos os lugares, e quem encontramos lá senão duas muito pouco atraentes, e Ross seguiu em frente, mas eu fiquei sentado na sala de estar e botei o fonógrafo pára tocar e me senti assustado e solitário.

Eu estava passando pelo porteiro no Biltmore e o detestei de imediato, com seus alamares amarelos, seu metro e oitenta de altura e toda aquela dignidade, e então um automóvel preto se aproximou do meio-fio e um homem desceu. Parecia rico; e então saiu uma mulher e era bonita, sua pele era de uma raposa-prateada e era uma canção através da calçada e entrando pelas portas de vaivém, e pensei "puxa rapaz que tal um pouco

daquilo, apenas um dia e uma noite daquilo", e ela era um sonho enquanto continuei caminhando, seu perfume ainda no ar úmido da manhã.

Aí um montão de tempo se passou quando parei diante da vitrine de uma tabacaria e fiquei olhando, e o mundo inteiro se apagou exceto aquela vitrine, e fiquei ali e fumei todos os cachimbos e me vi como um grande autor com aquele alinhado italiano de urze-branca e uma bengala desembarcando de um grande carro preto e ela estava lá também, orgulhosa como o diabo de mim, a dama da pele de raposa-prateada. Nos registramos no hotel, tomamos coquetéis e dançamos um pouco, tomamos outro coquetel e recitei alguns versos do sânscrito, e o mundo era tão maravilhoso porque a cada dois minutos uma deslumbrante olhava para mim, o grande autor, e eu não podia deixar de autografar o seu menu, e a garota da raposa-prateada ficava morrendo de ciúmes.

Los Angeles, dê-me um pouco de você! Los Angeles, venha a mim do jeito que eu vim a você, meus pés sobre suas ruas, bela cidade que adorei tanto, triste flor na areia, bela cidade.

Um dia e outro dia e o dia anterior e a biblioteca com os grandões nas estantes, o velho Dreiser e o velho Mencken, todos os garotões ali, fui visitá-los, Olá Dreiser, Olá Mencken, Olá, olá: existe um lugar para mim também, e começa com B, na estante do B, Arturo Bandini, abram caminho para Arturo Bandini, o espaço para o seu livro, e eu me sentava à mesa e simplesmente ficava olhando para o lugar onde meu livro estaria, bem ali perto de Arnold Bennett; não era grande coisa aquele Arnold Bennett, mas eu estaria ali como que para valorizar os bês, o velho Arturo Bandini, um dos garotões, até que aparecesse uma garota, um odor de perfume através da sala da ficção, um estalido de saltos altos para quebrar a monotonia da minha fama. Dia de gala, sonho de gala!

Mas a senhoria, a senhoria de cabelos brancos continuava escrevendo aqueles bilhetes: era de Bridgeport, Connecticut, seu marido morrerá e ela estava totalmente sozinha no mundo e não confiava em ninguém, não podia se dar ao luxo, ela me disse, e disse que eu teria de pagar. Estava crescendo como a dívida nacional, eu teria de pagar ou sair, cada centavo - cinco semanas de atraso, vinte dólares, e se não pagasse ela

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

